

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Trajatórias de Pessoas e Objetos em Contexto de Assentamento de Reforma Agrária

Carmen Janaina Batista Machado¹

Renata Menasche²

Resumo:

Em contexto de assentamento de reforma agrária, o estudo propõe a reflexão sobre a circulação de pessoas e objetos – da casa e da lavoura – a partir de suas trajetórias. Como proposto por Appadurai (2008), busca-se seguir as coisas em si mesmas, atentando para suas formas, usos e trajetórias, pois é a partir das coisas em movimento que podemos visualizar seu contexto humano e social, a vida social das coisas. A pesquisa etnográfica foi desenvolvida junto a famílias rurais do assentamento União, localizado no município de Canguçu, Rio Grande do Sul. A constituição de assentamentos de reforma agrária ocorre comumente em espaços estranhos e distantes do local de origem das famílias. Nesse deslocamento, percebe-se que, assim como práticas agrícolas precisam ser repensadas, determinados objetos são substituídos. No cotidiano das famílias estudadas, temos objetos que remetem a espaços da lavoura e da casa, sendo que os objetos da lavoura estão relacionados à produção de alimentos, ao trabalho com a terra, enquanto que os objetos pertencentes ao espaço da cozinha estão relacionados à transformação dos alimentos em comida. Evidenciar os objetos como integrantes de suas trajetórias e do cotidiano do assentamento evidencia que, para além de sua dimensão utilitária, os objetos revestem-se de funções simbólicas e operam entre si e com as pessoas. Quando o agricultor relata o modo como opera seu arado ou o formato de sua enxada, de certa forma ele fala também do fazer agricultura, dos saberes, de um modo de vida do qual pessoa e objeto são constituintes.

Palavras-chave: Assentamentos de Reforma Agrária, Trajetórias e Objetos.

1 - Introdução³

Na linha Progresso, no município gaúcho de Três Palmeiras, em conversa com dois agricultores, pai e filho, Waldemar apontou para o fogão a lenha, contando que o objeto tinha sido comprado quando ainda

¹ Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA/UFPEL). E-mail: carmemachado3@yahoo.com.br.

² Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPEL) e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA/UFPEL). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura – GEPAC (<http://www.ufrgs.br/pgdr/gepac>). E-mail: renata.menasche@pq.cnpq.br.

³ Este estudo tem origem nas discussões desenvolvidas na dissertação da primeira autora, intitulada “Aqui até o arado é diferente”: transformações no fazer agricultura e em hábitos alimentares entre famílias assentadas - um estudo realizado no assentamento União, Rio Grande do Sul (ver Machado, 2014).

era solteiro, há 55 anos. Seu filho comentou, então, que o fogão “já queimou alguma lenha”, afirmando que “ele [fogão] tem história para contar, se ele falasse. [...] digo assim, né, se ele falasse por tantos anos e a gente sempre ocupando” (Ildo).

Quando Ildo menciona que, pelo tempo que o objeto permanece em uso na família, o fogão tem história para contar, é evidenciada a importância de analisar os objetos, pois também eles contam histórias, no caso a história da família.

É assim que, neste trabalho, analisamos trajetórias⁴ de famílias assentadas, desde seu lugar de origem até o assentamento. Pessoa e objeto narram suas trajetórias, pois, como afirma o agricultor antes citado, os objetos têm história para contar.

Para pensar os objetos, falar de objetos, Appadurai (2008, p. 17) ensina que “temos que seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias, podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas”. Ainda de acordo com esse autor, é a partir das coisas em movimento que conseguimos visualizar seu contexto humano e social: a vida social das coisas. E como analisar, descrever, a vida social dos objetos? Para Gonçalves (2007, p. 15), devemos acompanhar os objetos em seus diversos contextos:

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos [...]. Acompanhar o deslocamento dos objetos ao longo das fronteiras que delimitam esses contextos é em grande parte entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva.

Velthem (2007), ao estudar os objetos da casa de farinha, no Acre, afirma que, ao pensarmos os objetos como elementos que se organizam socialmente, é necessário considerar questões além da materialidade e da estética. Como proposto pela autora, compreendemos que os objetos são capazes de construir relações entre si e com as pessoas. Assim, para analisar as trajetórias das famílias estudadas propomos trazer suas narrativas e objetos.

2 - Metodologia

A inserção a campo deu-se no processo de realização da pesquisa de mestrado da primeira autora deste trabalho. A pesquisa teve início no segundo semestre de 2012, com atividades desenvolvidas junto a alunos assentados que frequentam da 1ª à 4ª séries de uma escola rural⁵. A partir das atividades com os alunos iniciamos o contato com as famílias, foi, assim, realizada uma primeira visita a cinco famílias de

⁴ Entendemos que a trajetória da família abarca todo o processo de conquista da terra, que tem início no deslocamento do local de origem, ao qual segue o período de acampamento, até a instalação no assentamento.

⁵ As dinâmicas trabalhadas na escola visaram, a partir de desenhos, apreender como as crianças percebem seu lugar de viver, o que e como produzem, o que valorizam no lugar, entre outros aspectos do modo de fazer agricultura das famílias assentadas. A inserção na escola compreendeu os meses de novembro de 2012 a outubro de 2013.

alunos do assentamento União. Nesse momento da pesquisa, com o objetivo de acompanhar as atividades de cada uma dessas famílias, a pesquisadora permaneceu em suas casas durante um dia de trabalho. Na sequência, foi proposta a cada uma das famílias a permanência em suas casas por um período maior⁶, também de modo a acompanhar as atividades desenvolvidas cotidianamente. A estadia por alguns dias junto a essas famílias possibilitou participar do trabalho, compartilhando especialmente as atividades de responsabilidade da esposa, mãe de família. Na condição de ajudante da mulher, as tarefas consistiram em cozinhar, varrer a casa e o pátio, capinar a horta, arrancar batata-doce e mandioca, cuidar de crianças pequenas, acompanhar a criança até a parada do ônibus escolar, entre outros afazeres. No espaço da lavoura e da leitaria, a pesquisadora era apenas convidada a conhecer e, como disse um senhor, *tirar fotos para o trabalho do colégio*.

O fato de ser conhecida como professora da escolinha – ou como *professora do desenho*, como dito por algumas crianças – foi essencial na aproximação da pesquisadora com as famílias. Participar como voluntária na escola, conhecer um pouco da vida das quarenta crianças que ali estudam, de suas relações de parentesco, e ser capaz de identificar seu pertencimento a um dos assentamentos da região possibilitou adentrar em sua teia de relações. Enfim, foram realizadas aproximações que demandam tempo e observação, mas que se mostrariam fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, do mesmo modo que a participação em reuniões do assentamento ou do grupo de mulheres e em confraternizações da escola, em que estão presentes alunos e familiares.

No decorrer da pesquisa utilizou-se o diário de campo, as quais foram descritas observações referentes ao cotidiano das famílias, ao cotidiano da escola, assim como, as primeiras análises sobre alguns elementos. Como mencionado por Brandão (1982), “os escritos do diário de campo descrevem maneiras de sentir pessoas, lugares, situações e objetos” (BRANDÃO, 1982, p. 13). Outro instrumento de pesquisa de utilizado foi a entrevista, no sentido de complementar a observação participante. A entrevista foi orientada a partir de temas que desencadeavam questões abertas: local de origem, acampamento e assentamento. Sendo realizada com o pai e a mãe de família, além da participação de algum de seus filhos⁷.

A pesquisa foi realizada no assentamento União, na localidade de Armada, município de Canguçu⁸, Estado do Rio Grande do Sul. No contexto de criação dos assentamentos no município de Canguçu, o

⁶ O período de estadia nas famílias variou entre três e cinco dias, sendo que retornaria às casas de três famílias, permanecendo junto a elas por mais alguns dias.

⁷ Ainda, ao que se refere às famílias pesquisadas, mais precisamente a questões éticas da pesquisa, cabe mencionar a opção por manter o nome verdadeiro dos interlocutores. No que tange à pesquisa etnográfica, Fonseca (2008), ao discutir a implicação do uso ou não do anonimato em textos antropológicos, afirma que o anonimato não necessariamente é sinal de respeito ou de atitude ética, pois nem sempre esse é o desejo da comunidade estudada. Do mesmo modo, trazer os nomes verídicos não pode ser somente para provar a “veracidade” do texto. Tendo presente as reflexões da autora e a relação estabelecida em campo, optou-se por trazer os nomes verdadeiros das famílias.

⁸ Atualmente, há no município de Canguçu 16 assentamentos: Arroio das Pedras, Boa Fé, Bom Jesus, Colônia São Pedro, Doze de Julho, Guajuviras/Novo Amanhecer, Herdeiros da Luta, Mãe Terra, Nova Conquista, Nova Esperança, Nova Sociedade II, Perseverantes na Luta, Pitangueiras/Sem Fronteiras, Renascer, Salso e União.

assentamento União⁹ resultou da desapropriação da fazenda Santa Fé e está situado a 63 quilômetros ao norte da sede do município. A implantação do assentamento ocorreu em 1999, mas a chegada das famílias iniciara em novembro de 1998. As 64 famílias são originárias, predominantemente, do norte do estado do Rio Grande do Sul. Das cinco famílias estudadas, uma é originária do município de Canguçu e quatro do município de Três Palmeiras. No decorrer da pesquisa as famílias originárias do município de Três Palmeiras referiam-se constantemente as diferenças no fazer agricultura. Assim a pesquisadora, visando aproximar o olhar àquela realidade contada por eles, permaneceu por uma semana neste município. Neste período foram realizadas entrevistas com agricultores e a permanência em uma família para acompanhar o dia de trabalho.

3 - Do lugar de origem ao assentamento

Quando as famílias se referem ao lugar de origem, utilizam a categoria *lá*, pois estão fazendo referência a lugar e tempo que estão distantes, não somente em quilômetros ou anos, mas também em suas memórias. É *lá*, na região norte do estado, que iniciamos o recorte de tempo e lugar para buscar apreender a trajetória realizada pelas quatro famílias pesquisadas.

O elemento que norteia a trajetória dessas famílias é a terra. Pelo fato de possuírem pouca ou nenhuma terra, essas famílias visualizaram nos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra a possibilidade de conquistá-la.

Raul conta que, desde os 12 anos de idade, trabalhou e morou em *terra alheia*, pois eram “bastantes filhos e pouca terra. [...] Meu pai não tinha terra. Meu avô tinha terra e só deu para um dos filhos” (Raul). Parte de seus irmãos foi morar e trabalhar na cidade, outros trabalhavam como empregados em propriedades vizinhas. E ele, após o casamento, foi morar e trabalhar na terra do sogro. No entanto, ali a terra também era pouca, apenas seis hectares para uma família numerosa. Por esse motivo, Raul e o sogro produziam em parceria com os índios, seus vizinhos, pertencentes à reserva indígena. Assim se mantiveram por alguns anos, até que o sogro e um cunhado decidiram acampar e convenceram Raul a fazer o mesmo. A trajetória dessa família até seu assentamento durou em torno de um ano e oito meses, até que conquistaram um lote no assentamento Nova Sociedade, em 1989. Após 15 anos nesse assentamento, trocaram de lote com uma família do assentamento União.

⁹ De acordo com depoimentos de interlocutores da pesquisa, o nome do assentamento teve origem em um sorteio. A organização do assentamento se deu através de 10 grupos (os bolsões). Desses, o grupo composto pelos empregados da fazenda, que receberam lote e não participaram do acampamento, defendiam manter o nome Santa Fé. Os demais grupos foram contrários, por considerarem o nome da fazenda como símbolo do latifúndio. Foi então proposto que cada grupo escolhesse um nome que simbolizasse o processo de luta e conquista da terra, para a partir desses definir em sorteio o nome a ser dado ao assentamento Foi sorteado o nome União.

Na família de Amarildo o mesmo quadro – família numerosa e pouca terra – levou três gerações ao acampamento. Seu avô paterno, Juvenal, foi o primeiro a ingressar no acampamento criado no município de Encruzilhada Natalino¹⁰, onde ficou acampado por cinco anos. Na época, as famílias receberam um valor em dinheiro e o avô de Amarildo comprou uma pequena parcela de terra na linha Caneleira, mesma linha onde residiam antes de acampar. O pai de Amarildo, seu Rosino, casou-se e ficou trabalhando com seu pai. Com o passar dos anos e já com dois de seus quatro filhos nascidos, seu Rosino decidiu acampar¹¹. O período de acampamento foi de oito meses e em novembro de 1998 veio para Canguçu. Permaneceu acampado na sede do assentamento e, após a demarcação dos lotes, deslocou-se até o município de Três Palmeiras, para buscar a mudança e a família.

Na família de Jair, a busca pela terra teve início com seu pai que, assim como seu Juvenal, ingressou no primeiro acampamento realizado no estado, em Encruzilhada Natalino. De acordo com Jair, que esteve acampado com o pai, da mesma forma que sua família, significativa parcela de colonos perdeu a terra devido à demarcação das terras indígenas¹² e, a partir daí, se organizaram para reivindicar terra. Após quase cinco anos de acampamento, o pai de Jair recebeu um valor em dinheiro e adquiriu terra no município de Três Palmeiras. Mas o problema relacionado à terra não estava resolvido:

E aí, quando ele ganhou a terra, ele ganhou em Três Palmeiras, no município de Três Palmeiras. A localidade era Santa Rita, o nome do lugar. Aí, lá nós vivemos, mas era pouca terra, nós éramos bastante gente, e eu era o mais velho e falei para o meu pai: “ô pai, eu vou me virar, e agora vocês estão colocados”, porque a gente trabalhou a vida toda na família, assim. (Jair)

Jair passou a trabalhar em fazendas como peão e, também, como auxiliar de circo, viajando pelo estado. Após o casamento com Eva, eles foram morar e trabalhar em uma propriedade vizinha à de seu pai. O casal decidiu acampar para ter sua própria terra e dar melhores condições de vida a suas três filhas. Eva ficou, então, com as filhas na propriedade em que trabalhavam e Jair foi para o acampamento, no município de Jóia. Eva e as filhas foram para o acampamento quando já estava no município de Viamão e afirma que

¹⁰ Segundo Navarro (1996), o início da história de luta dos sem-terra no Rio Grande do Sul pode ser delimitado entre os anos de 1978 e 1979, “quando mais de mil famílias de pequenos produtores, que utilizavam irregularmente terras das reservas indígenas de Nonoai, foram expulsos pelos índios e, a partir daí, passaram a pressionar por terra” (NAVARRO, 1996, p. 92). Segundo o autor, o acampamento de Encruzilhada Natalino, organizado em meados de 1981, constituiu-se como o “nascimento” do MST, então denominado MASTER – Movimento dos Agricultores Sem Terra – no estado. O acampamento teve início em março de 1981, com 300 famílias, sendo que em maio contava já com 600 famílias.

¹¹ Dois de seus 15 irmãos já estavam assentados no município de Piratini e o convenceram a acampar.

¹² Com a demarcação de terras indígenas, que transcorre, no município de Três Palmeiras, até os dias atuais, parcela significativa das terras dos colonos passou a ser *terra de índio*. Conforme depoimento de funcionária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, tal processo gerou conflitos, pois parte das famílias tentaram resistir na terra e não aceitaram a indenização, por considerá-la inferior ao valor de mercado das terras. Segundo ela, as famílias que possuíam pequenas parcelas de terra entraram em acordo, receberam a indenização e adquiriram novas parcelas de terra ou se deslocaram para a cidade. Já os colonos com maiores extensões de terra, resistiram, manifestando-se contrários às demarcações de terras indígenas. Segundo Conterato (2004), “no município de Três Palmeiras e arredores, a destruição, diga-se ocupação, das terras indígenas se completa em meados do século XX, quando o governo estadual resolve lotear a Reserva Índigena da Serrinha e vender os lotes aos colonos. Passadas quase cinco décadas, a Constituição Federal de 1988 garante aos povos indígenas expulsos de suas antigas áreas o direito legal de requerê-las. Assim, a década de 1990 é marcada pelo início da retomada da Reserva indígena da Serrinha pelos índios e retirada das famílias dos agricultores que são, em parte, reassentados em outras terras, outros migram para núcleos urbanos ou simplesmente ocupam a beira das estradas e passam a reivindicar novamente áreas de terra como havia ocorrido décadas anteriores” (CONTERATO, 2004, p. 50).

ter a família ali deu forças para não *desistir da luta*. Em novembro de 1998, ocorreu o sorteio em que o grupo de Eva e Jair foi contemplado para o município de Canguçu.

A trajetória de Valdemir, do município de Três Palmeiras ao assentamento, inicia com sua ida, junto com o irmão, para o acampamento, no município de Jóia. Na época em que decidiu acampar, era solteiro e trabalhava com seus pais, na linha Progresso. Segundo Valdemir, a terra de seus pais era insuficiente e bastante *dobrada*, difícil de trabalhar. E como a promessa, por parte de quem coordenava e conduzia os colonos para o acampamento, era de conquistar uma maior quantidade de terra, decidiram juntar-se aos outros colonos e seguir para o acampamento. A família de Alessandra, esposa de Valdemir, trabalhava em terras arrendadas, em Nonoai. Também seu pai foi para o acampamento, em Jóia. Valdemir chegou ao assentamento em 5 de novembro de 1998. E recebeu um lote ao lado do lote de seu irmão, também vizinho ao dos pais de Alessandra, com quem se casaria, anos depois.

Ao analisar a trajetória dessas famílias, percebe-se que a busca pela terra está relacionada ao que E. Woortmann (1995), em estudo referente aos colonos do sul, denominou “excedentes estruturais”. De acordo com a autora, os colonos “eram não-herdeiros, por efeito da unigenitura; eram os que tinham de abdicar, menos em benefício do herdeiro do que em benefício do todo representado pelo patrimônio indiviso da família” (WOORTMANN, E., 1995, p. 109). Em sua perspectiva, a imigração interna dos colonos segue a lógica de uma condição camponesa e de uma ideologia em que a terra é o que viabiliza a reprodução social do grupo. Processo desse tipo é percebido entre as famílias assentadas estudadas, em que os filhos deixaram as terras dos pais – nelas ficando apenas de um a dois irmãos –, em busca de novas terras, para constituir suas próprias famílias. Como menciona E. Woortmann (1995), a migração é organizada a partir do próprio sistema camponês:

Ela é, ao mesmo tempo, desencadeada por e organizada pelo sistema de parentesco: uma dimensão desse sistema, o “espírito de parentesco”, faz com que a migração se faça através de grupos de parentes (irmãos, primos, etc., assim como afins) que irão replicar o modelo em outro lugar – para, em seguida, recomeçar tudo de novo (WOORTMANN, E., 1995, p. 116).

A partir de uma condição camponesa, que rege a vida dos colonos, aos não herdeiros cabe o mundo (WOORTMANN, E., 1995). Assim, irmãos, primos e vizinhos¹³ saem das terras de seus pais ou de terceiros em busca da nova terra. Ao analisar a trajetória das famílias estudadas, percebe-se que a terra e a família são os propulsores na luta pela terra. A busca pela terra se dá em função da família: para manter o patrimônio familiar, os filhos deixam as terras de seus pais; da mesma forma que, para poder oferecer uma vida melhor

¹³ A migração de grupos de parentes constituiu o que atualmente é a rede de parentesco no assentamento. Nos lotes vizinhos ao da família de Amarildo e Cristiane, estão o pai de Amarildo e os pais de Cristiane. E, em um lote mais distante, a irmã de Amarildo. O mesmo se dá com a família de Valdemir e Alessandra: no lote em frente está a mãe de Valdemir e, no lote ao lado, a mãe de Alessandra, ambas viúvas. No outro lado, está o lote do irmão de Valdemir. O lote da família de Jair e Eva faz divisa com o lote que foi do pai de Eva, já falecido, hoje pertencente a seu irmão mais novo. Na família de Raul e Valaci, a filha casou-se e reside em um lote no mesmo assentamento. Mesmo a família de Carmen e Nestor, que tem trajetória distinta, pois recebeu um lote porque eram trabalhadores da fazenda, a rede de parentesco se constitui no assentamento, com a inscrição de sua filha e esposo para receber um lote, conquistado ao lado do lote dos pais da moça.

para suas esposas e filhos, se deslocam para o acampamento. E de lá, já com suas famílias, se deslocam para a terra desconhecida: o assentamento.

4 - Objetos e pessoas em movimento

Cunha e Ribeiro (2010), em análise sobre o método etnográfico, destacam o papel e o significado dos objetos no contexto da pesquisa, uma vez que nos possibilitam compreender as relações entre os indivíduos pesquisados.

Há de se considerar também o papel e a significação dos objetos que envolvem o ambiente ao qual se está estudando porque eles muito podem dizer sobre as identidades e ritos sociais sedimentados naquele grupo (CAMPBELL; GREGOR, 2004). Isso implica que estudar as relações sociais não depende da observação da relação e dos mecanismos de interação entre indivíduos por si só apenas, mas de todo o aparato que envolve a relação deles. Tudo aquilo que tiver significado para caracterizar as interações entre as pessoas deve ser compreendido porque formam rituais para a compreensão das relações entre as pessoas. Por exemplo, caracterizar uma mesa de café da tarde pode ser importante para se entender como os indivíduos se reúnem em torno deste evento e deste objeto e como eles se dispõem diante disso para receber ou ser recepcionados numa situação destas. Isso implica que objetos podem também ter significação para se entender as relações entre os indivíduos e o pesquisador etnográfico deve estar atento para estas considerações. (CUNHA; RIBEIRO, 2010, p. 8).

Para os autores, “os objetos podem estar contextualizados e caracterizados dentro de uma determinada situação que determina a relação entre pessoas” (CUNHA; RIBEIRO, 2010, p. 8). E a ocasião, juntamente com o objeto, pode se constituir como elemento fundamental para compreensão das relações sociais. Nesse contexto, voltamos o olhar para os objetos que acompanham e contam a trajetória das famílias pesquisadas, assim como para os equipamentos e utensílios empregados nos espaços de trabalho, no lote.

Para pensar a circularidade de pessoas e objetos, que, como destaca Velthem (2007), operam entre si e com as pessoas, passamos aqui a analisar as trajetórias de pessoas e objetos. Seu Rosino conta ter vindo *equipadinho* para o assentamento, fala dos objetos que trouxe do município de Três Palmeiras, incluindo até mesmo a casa em que morava com sua família. Como a casa era de madeira, o agricultor a desmanchou e trouxe na mudança. Nessa casa, moraram por anos, até receberem subsídios para construção da casa de alvenaria, em que vivem atualmente. Hoje, a antiga casa de madeira é o galpão da família. Percebe-se uma circularidade da família e da casa, em cujo visível desgaste estão impressas as marcas do tempo: o que um dia foi abrigo da família é agora lugar de ferramentas de trabalho e dormitório de galinhas.

Quando as famílias relatam suas trajetórias, discriminam os objetos que trouxeram, para evidenciar a situação em que se encontravam. No relato de seu Rosino, ele diz ter vindo *equipadinho*, ou seja, trouxe a casa, móveis da cozinha, da sala e dos quartos, assim como ferramentas de trabalho e animais (galinhas e terneiros). Por outro lado, Raul conta que do lugar de origem não trouxeram nada, somente os filhos. Ao que sua esposa Valaci contesta: “nós trouxemos coisas de lá sim, a nossa chaleira” e elenca outros objetos como a cama do casal e o armário de guardar a louça, que diz ter doado para a filha, por já não suportar olhá-lo. Entende-se que Valaci já não queira este objeto, por estar velho, mas também é possível que não o quisesse

pelo fato de o armário ter estado com a família desde seu casamento, remetendo a um tempo de dificuldades¹⁴, como o período do acampamento e os primeiros anos no assentamento. Já a filha valoriza o armário por este ser antigo¹⁵ e, também, por ter sido o primeiro armário de sua mãe. Assim, esse objeto passa para a cozinha da filha, carregando a história de seus pais. No que diz respeito à afirmação de Raul, de que não trouxeram nada além de seus filhos, ela pode estar relacionada ao fato de que os objetos que eles efetivamente trouxeram pertencem ao espaço da casa, espaço tido como de domínio da mulher. Para Raul, os objetos marcados na memória possivelmente seriam os relacionados ao trabalho na lavoura – como arado e carroça –, tida como espaço do homem.

Aroni (2010, p. 5), em estudo referente a artefatos indígenas na Amazônia, afirma que “os sujeitos se criam ao criar os objetos, a materialidade tangível, que, mesmo assumindo vida própria, não deixa de marcar as relações que os constituíram”. Raul conta que não trouxe o arado para lavrar a terra, mas que ao chegar ao assentamento ele mesmo fabricou um arado do tipo *pula toco*, somente com o auxílio de um *facão*, uma vez que não dispunha de ferramentas. O arado *pula toco* consiste em uma lâmina de ferro plana ou levemente curvada fixa a um pedaço de madeira comprido (*cambão*). O *cambão* é preso na canga dos bois. O agricultor conta ter aprendido o ofício de marceneiro com seu pai, sendo ele quem constrói as carroças e carretas que utiliza no trabalho. Dessa maneira, como menciona Aroni (2012), os objetos trazem consigo mais do que aparentam:

[...] tais objetos relacionais, enquanto “coisas” construídas, carregam em si muito mais do que suas imagens aparentes; possuem também uma “substância-agência” invisível, onde se codifica toda a rede de relações, intencionalidades e subjetividades envolvidas no seu processo de produção. (ARONI, 2012, p. 6)

Nessa trajetória, se as pessoas tiveram um período de adaptação ao novo lugar, apreendendo o fazer agricultura *daqui*, percebe-se que determinados objetos não se adaptaram. Eva, ao lembrar a chegada da família ao assentamento, relata o estranhamento ao perceber que até o arado era diferente, pois o arado *de lá* fazia um camalhão para cada lado, enquanto o *daqui* faz o camalhão somente para um lado.

Assim como Eva, outras famílias relataram o estranhamento decorrente da substituição do arado *pula toco (de lá)* pelo arado *virador (daqui)*. Raul logo percebeu que com o arado que construiu não seria possível lavrar a terra: “o pessoal disse: mas isso aí é um pau cravando na terra, isso não funciona aqui” (Raul). Ele conta que não teve dificuldades para lavrar com o arado *virador* e que seus filhos já aprenderam

¹⁴ Assim como, para algumas pessoas, determinada comida não é apreciada por remeter a tempos de dificuldade e escassez, tal qual o caso da polenta entre colonos de origem italiana estudados por Menasche (2010), pode-se pensar que objetos que simbolizam períodos de dificuldades também não sejam bem vistos, sendo substituídos tão logo possível.

¹⁵ Champagne (1977), ao estudar uma comunidade rural francesa, aponta um movimento em que, no período em que se realiza a modernização da agricultura, após a Segunda Guerra, camponeses jogaram fora antigos móveis de família, de madeira. Os antigos móveis foram substituídos por móveis de fórmica, símbolo da modernidade. Mas o mesmo autor mostra que, no final da década de 1970, ocorre um movimento inverso, em que os móveis rústicos, símbolo do tradicional, são revalorizados. Esse processo estaria relacionado à valorização do rural pelos habitantes da cidade, que influenciaria os valores dos habitantes da aldeia. No caso aqui em estudo, a valorização do antigo armário da mãe pela filha pode estar relacionada a movimento de tipo semelhante ao analisado pelo autor citado.

a lavrar com esse arado, nunca trabalharam com o *pula toco*. Nesse caso, o arado não fez a trajetória com a família, mas fazia parte do fazer agricultura da família e, ao chegar ao assentamento, o agricultor projetou o arado que foi sua ferramenta de trabalho desde pequeno. Raul mantém o arado *pula toco* guardado no galpão, pois de vez em quando o utiliza para abrir um *valo*. Entende-se que o arado *pula toco* permanece na família por contar o fazer agricultura *de lá*. Ele também remete ao período de (re)elaboração de práticas no que se refere ao fazer agricultura no assentamento, levando o arado *pula toco* a ocupar não mais o espaço da lavoura, mas o do galpão. Os relatos sobre a substituição de um arado pelo outro também permitem compreender que, ao descrever a funcionalidade de seu arado, o agricultor também fala de um modo de fazer agricultura, em que pessoa e objeto são constituintes de saberes e práticas.

A trajetória dessas pessoas e objetos está presente apenas na memória de mães e pais, pois entre seus filhos não se percebe um discurso de perda no que diz respeito aos objetos, tampouco ao fazer agricultura *de lá*. Para Candau (2011), a memória familiar é uma memória curta, não remonta além de duas ou três gerações; assim, o esquecimento ameaça as gerações, uma após a outra. Um exemplo são os filhos de Raul e Valaci, que trabalham a terra com o arado *virador*, objeto com que interagiram desde que iniciaram a trabalhar com o pai na lavoura. Assim como os filhos de Raul não possuem uma história com o arado *pula toco*, os filhos das demais famílias estudadas, vindas do norte do estado, também não possuem uma trajetória e uma história com esses objetos.

Através dos objetos, podemos evidenciar elementos importantes das trajetórias das famílias estudadas, acreditando-se que tomar os objetos como agentes do processo contribui para evidenciar relações e simbologias dessas trajetórias. Nessa mesma perspectiva, propomos a análise dos objetos e das pessoas tendo como recorte o cotidiano das famílias no lote.

5 - Objetos da lavoura e da casa

Pensar objetos que remetem aos espaços da lavoura e da casa toma em conta que os objetos da lavoura estão relacionados à produção de alimentos, ao trabalho com a terra, enquanto os objetos pertencentes ao espaço da cozinha estão relacionados com a transformação dos alimentos em comida¹⁶.

No contexto da casa, tem-se no fogão a lenha um objeto emblemático da cozinha. Esse também é um objeto que acompanha a trajetória dessas famílias, pois se encontra entre os poucos que cada família trouxe de seu lugar de origem. Além da função do cozimento do alimento, o fogão a lenha reúne as pessoas, já que é em seu entorno que a família senta-se para conversar, tomar chimarrão¹⁷ e receber visitas. Em vários

¹⁶ Toma-se aqui como referência a discussão proposta por DaMatta (1987), ao refletir sobre o simbolismo da comida no Brasil: o alimento transforma-se em comida na medida em que passa pelo processo de transformação cultural, na cozinha.

¹⁷ O chimarrão (ou mate) possui origem entre os índios guarani, recebendo originalmente a denominação *caá-i* (*caá* significa árvore e *i* água). A bebida é uma infusão de folhas moídas de um arbusto, a erva-mate (*Ilex paraguariensis*). O chimarrão é

momentos, observou-se que, mesmo quando o fogo não estava aceso, era comum o convite para sentar próximo a ele, o que indica que seu entorno é o lugar de *prosear*. Assim como o fogão a lenha, o fogão a gás também está presente nas cozinhas, geralmente ao lado do primeiro. Estão ainda relacionadas ao fogão a lenha as chaleiras e panelas, as quais, assim como a chapa do fogão, devem estar sempre brilhando. Percebe-se que há uma preocupação por parte da dona da casa em manter esses objetos reluzentes e, para tanto, utilizam-se de sabão e esponja de aço – chamada de *Bombriil*¹⁸, independentemente da marca –, para *dar brilho*. Assim, pode-se pensar que a limpeza do fogão a lenha e de chaleiras e panelas comunica se a mulher é (ou não) uma boa dona de casa.

Outro objeto da casa associado ao universo feminino é a vassoura, que, seja de plástico ou de palha, para varrer a casa, ou de galhos, para varrer o pátio, é utilizada diariamente pela mãe ou filhas. A casa deve ser varrida todos os dias, até mais de uma vez por dia. E tão importante quanto ter o piso da casa limpo é manter o pátio limpo, principalmente a frente da casa, por aonde chegam as visitas. Outros objetos presentes na casa e valorizados pelas famílias são os eletrodomésticos, como televisor, DVD, rádio, refrigerador, freezer, forno elétrico, liquidificador, batedeira e jarra elétrica. São objetos presentes na casa das cinco famílias pesquisadas e dispostos pela casa de forma a estarem acessíveis à vista. Desse modo, o televisor, o DVD e o rádio ficam na sala, na estante ou em cima de uma mesa. Os demais objetos estão dispostos na cozinha: refrigerador e freezer são colocados um ao lado do outro e, em cima deles, o liquidificador e a batedeira; o forno elétrico é posicionado em cima de um balcão ou mesa e a jarra elétrica, ao lado da pia de lavar a louça. Entende-se que dar visibilidade a esses objetos sinaliza a condição econômica da família; afinal, os objetos foram adquiridos com seu trabalho.

No contexto da casa, o telefone celular é um objeto presente e importante, pois é através dele que as famílias mantêm contato com os parentes do lugar de origem, além dos demais usos cotidianos, como agendar uma consulta médica, por exemplo, sem precisar se deslocar até a cidade de Canguçu. Entre os filhos, o celular é objeto desejado, mas aquele que possibilita o acesso à internet: um número significativo de jovens tem perfis em redes sociais¹⁹. No deslocamento realizado em ônibus escolar, foi possível perceber que o celular é um objeto de distinção entre crianças e jovens, pois quem o possui comumente entra no ônibus escutando música ou manuseando o aparelho, de forma que todos o vejam.

preparado em um recipiente denominado cuia, feita de um fruto seco de forma arredondada, o porongo. É bebido por uma espécie de canudo em metal chamado bomba, sendo que uma de suas extremidades (arredondada e com pequenos furos) é inserida na cuia e a outra extremidade é achatada e nela encostam-se os lábios, para sorver o líquido (WILLE, ROSA e MENASCHE, 2011). Entre as famílias estudadas, o chimarrão ou mate é consumido especialmente antes das refeições e quando recebem visitas.

¹⁸ Marca de esponja de aço bastante conhecida, o que faz com que seja comumente empregada para nominar qualquer esponja de aço, independente da marca utilizada.

¹⁹ Das cinco famílias estudadas, somente uma família possui computador com acesso à internet, as demais acessam as redes sociais pelo celular. No entanto, não são somente filhos que acessam a internet e possuem perfis em redes sociais. Alessandra e Valdemir acessam a internet pelo celular: ela utiliza para pesquisar novas receitas e entrar em contato com parentes do lugar de origem; o esposo acessa para saber a previsão do tempo, preço de determinado produto agrícola, pesquisar sobre determinada doença que afete algum animal ou planta.

No espaço da lavoura, objetos como arado, machado, enxada, máquina de plantio manual, plantadeira e capinadeira de tração animal são objetos importantes para o agricultor²⁰. O machado e o facão são utilizados na derrubada do mato, o arado puxado a boi ou cavalo é empregado para lavrar a terra, a plantadeira de tração animal ou a manual, chamada de saraquá, é utilizada para a semeadura. A enxada é empregada para o plantio em covas, como nos casos de mandioca, batatinha, batata-doce, abóbora, melancia e melão. Para a limpeza da lavoura, a capina, são empregadas a capinadeira puxada a boi ou cavalo e/ou a enxada. As atividades de colheita, como quebrar milho, arrancar feijão, arrancar mandioca ou batata-doce, são geralmente realizadas manualmente. Para trilhar (separação do grão da espiga/vagem) milho e feijão, algumas famílias contratam um vizinho que possui trator e trilhadeira, pagando pelo serviço.

Os objetos falam também sobre o agricultor, pois para saber se o agricultor é *caprichoso*, são observados seus objetos de trabalho, se estão bem cuidados e, principalmente, se o agricultor dispõe das ferramentas necessárias. Um agricultor que não tem machado ou arado, por exemplo, é considerado *relaxado*. Assim, o empréstimo de determinados objetos de trabalho não é comumente bem visto. Objetos como arado, enxada e machado não são ferramentas de trabalho que circulam entre os vizinhos, pois, na percepção dos interlocutores da pesquisa, cada agricultor tem ou deveria ter essas ferramentas. Os objetos que usualmente circulam entre vizinhos são motosserra²¹, máquina de puxar arame, enfim, objetos que não são utilizados com tanta frequência e, por isso, nem todas as famílias possuem.

Ainda no contexto dos objetos de trabalho, temos os utilizados pelo grupo doméstico, como machado e enxada. Porém, o machado utilizado pela mulher, principalmente para cortar lenha, é um machado velho. Do mesmo modo, a enxada utilizada por ela na horta e para *ajudar* na lavoura, é a que, em período anterior, fora utilizada pelo marido. Ou seja, primeiro esses instrumentos passam pelas mãos dos homens para depois, quando já não lhes são mais úteis, serem repassados às mulheres. Como identificado por K. Woortmann e E. Woortmann (1997), há um paralelismo entre a força plena das pessoas e a força plena dos instrumentos, que

Mudando de mãos, mudam de significado ao longo de seu ciclo de “vida” e ao longo do processo de trabalho. Assim, o machado mais novo é do pai, para ser utilizado em tarefas definidas como especificamente dele. O mesmo ocorre com a enxada e seu exemplo é significativo: nova, ela é do pai e designa a categoria *trabalho*. À medida que se vai desgastando, ficando mais leve e menos produtiva, passa às mãos da mulher, designando a categoria *ajuda*. Finalmente, quando muito desgastada, passa às crianças e designa “lazer”. (WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E., 1997, p. 137-138, grifos dos autores).

Assim, os instrumentos de trabalho, além de terem funções técnicas, são também objetos marcadores de hierarquia, diferenciadores de gênero.

²⁰ Entre as famílias estudadas, somente a família de Nestor e Carmen possui trator e implementos como arado, plantadeira e capinadeira.

²¹ Além de não ser um objeto utilizado no trabalho diário, o valor, em torno de R\$ 1.500,00, impossibilita sua posse pela maioria das famílias.

Considerações Finais

Neste trabalho, partimos das trajetórias das famílias, visando compreender como se deu o processo de conquista da terra. Evidenciar os objetos no contexto de suas trajetórias e no cotidiano do assentamento demonstra que, para além de sua dimensão utilitária e funções técnicas, os objetos possuem funções simbólicas e operam entre si e com as pessoas. Quando o agricultor relata a funcionalidade de seu arado ou o formato de sua enxada, de certa forma ele também fala do fazer agricultura e dos saberes correspondentes, de um modo de vida do qual pessoas e objetos são constituintes.

Pensar a trajetória das famílias, contada através das narrativas de pessoas e objetos iluminou relações e significados no trajeto percorrido, desde o deslocamento de seu lugar de origem até o assentamento. Os fatores que levaram mais de uma geração de uma mesma família aos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra estão relacionados a sua condição camponesa, a uma ideologia em que a terra é o que viabiliza a reprodução social do grupo, com os filhos deixando a terra dos pais em busca de novas terras, para constituir suas próprias famílias, renovando a interdependência entre terra, família e trabalho.

Ainda, ter presente os objetos, com seus usos e significados, permitiu compreender práticas e simbologias que regem casas e lavouras das famílias camponesas. Enfim, pensar a trajetória das pessoas e dos objetos propiciou evidenciar fatores que conformam o cotidiano e a vida dessas famílias assentadas.

Referências

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2008. p. 15-88.

ARONI, Bruno Oliveira. Por uma etnologia dos artefatos: arte cosmológica, conceitos mitológicos. **Revista Proa**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1- 27, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Diário de campo. **A antropologia como alegoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 11-14.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. 223p.

CHAMPAGNE, Patrick. La fête au village. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 17, n. 18, p. 73-84, 1977.

CONTERATO, Marcelo Antônio. **A mercantilização da agricultura familiar do Alto Uruguai/RS: um estudo de caso no município de Três Palmeiras**. 192f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós – Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CUNHA, Julio Araujo Carneiro da; RIBEIRO, Evandro Marcos Saidel. A etnografia como estratégia de pesquisa interdisciplinar para os estudos organizacionais. **Qualitas**, Paraíba, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2010. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/692>>. Acesso em 23 de jun. 2013.

DAMATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987.

FONSECA, Cláudia L. W. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 39-53, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007, p. 14-42.

MACHADO, Carmen Janaina Batista. **“Aqui até o arado é diferente”**: transformações no fazer agricultura e em hábitos alimentares entre famílias assentadas - um estudo realizado no assentamento União, Rio Grande do Sul. 153f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MENASCHE, Renata. Campo e cidade, comida e imaginário: percepções do rural à mesa. **Ruris**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 195-218, 2010.

NAVARRO, Zander. Democracia, cidadania e representação: os movimentos sociais rurais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, 1978-1990. In: NAVARRO, Zander (Org.). **Política, protesto e cidadania no campo**: as lutas sociais dos colonos e dos trabalhadores rurais no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996, p. 62-105.

VELTHEM, Lucia Hussak van. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul (Acre). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 605-631, 2007.

WILLE, Danielle Neugebauer; ROSA, Rogerio Reus Gonçalves da; MENASCHE, Renata. Mitologia e ritual da Caá-I: atribuições de significados do chimarrão representados em embalagens de erva-mate. In: II JORNADA ACADÊMICA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, Pelotas, 2011. **Anais...** Pelotas, p. 1-4, 2011.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: Hucitec, 1995. 336p.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Ed. UNB, 1997. 192p.